

Candidatos inundam a ilha da fantasia

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"Robervan, o galã", promete um namorado para cada eleitora encailhada, se for eleito deputado federal. "Tião Padeiro", outro candidato, acena com a transformação da cidade em terreiro espírita de alto luxo, onde só baixarão os grandes e saudosos luminares da Nação, de D. Pedro I a Tancredo Neves. "Pingo", também pretendente, faz impubescível jogo com quatro palavras que compõem o substantivo "deputado" para tornar-se o preferido das senhoras ditas de vida fácil. Há o "homem do chapéu", que, além de distribuir os próprios, doa leite e pão nas favelas da cidade, dizendo que se chegar a senador fará aprovar projeto de lei dando uma casa para cada necessitado, quitada, sem prestações e com prateleiras cheias de mantimentos.

Mas tem mais. O candidato dos discos voadores por enquanto visita os eleitores pilotando uma Kombi. O dono de uma das padarias locais troca votos por pastéis. Esse promete cabras em todos os quintais (será que Brizola não se antecipa nessa promessa?); aquele jura que construirá o metrô. Um é o candidato do silêncio, pregando o fechamento dos bares depois das 10 da noite; outro quer liberar a boêmia para sempre, através de emenda constitucional.

Falamos de São Paulo, onde, além de doidos, já se elegeu um rinoceronte? De Belo Horizonte, onde fez sucesso o "Bodão"? Ou do Rio, pleno de candidatos caciques, bicheiros e egressos dos aparelhos de repressão?

Não. Os exemplos são de Brasília, e os candidatos não estão disputando vagas para uma inexistente Câmara de Vereadores, sequer para uma Assembléia Legislativa. Pleiteiam uma das oito cadeiras de deputado federal ou uma das três de senador, concedidas ao Distrito Federal pela Nova República.

A ilha da fantasia vai às urnas pela primeira vez, 26 anos depois de fundada. São 680 mil eleitores habilitados, dos quais apenas 158 mil integram a imagem que o resto do País faz de sua capital. Os demais moram fora das superquadras do Plano Piloto e das casas erigidas à margem do lago. Estão nas cidades-satélites, nas favelas, nos acampamentos, e, senão todos, vivem no desemprego e na miséria ao menos boa parte deles. Ceilândia, Guará, Gama, Paranoá, Taguatinga surgem povoadas cada vez em menor número por gente que assistiu à transformação do cerrado em centro das decisões nacionais. O grosso desse cinturão de pobreza é preenchido por quem vai, até hoje, chegando em busca de ilusões. Aos montes. Sem mais nada além de filhos, doença e esperanças. Como estas não se realizam, aqueles crescem em proporção assustadora. Brasília ultrapassou 1,6 milhão de habitantes. A maioria presa fácil da demagogia, impossível de ser contida pela própria sociedade, muito menos pela Justiça Eleitoral ou pelo governo local.

Certas posturas registradas nas intenções de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa não conseguem manter-se, como a da proibição de cartazes, outdoors, pichação de muros e luminosos. Para manter as aparências, remando contra a maré, o governador José Aparecido mandou construir ao lado de cada ponto de ônibus uns estranhos cilindros de concreto, de dois metros de altura, onde gostaria que se concentrasse a propaganda eleitoral. Não está adiantando.

A cidade detesta comícios. O único realizado com sucesso foi o das "diretas-já", mesmo assim de maneira singular. O então todopoderoso executor das emergências constitucionais, general Newton de Oliveira e Cruz, proibiu a manifestação às vésperas da votação da emenda Dante de Oliveira e, por isso, Brasília a realizou depois de derrotada a proposta. Gente concentrada, só em certos enterros e posses. Outro dia o Lula veio participar do

que seria uma concentração-monsão, por ocasião da convenção regional do PT. Falou para menos de cem pessoas e terminou a noite jantando na mais luxuosa churrascaria da cidade, à beira do Lago Sul, degustando um baby-beef de carne vinda da Argentina.

Como no resto do País, não apenas os grandes partidos estão lançando candidatos. Além de PMDB, PFL, PDT, PT e PDS, evoluem pelas avenidas da Capital o Partido Humanista, o Partido da Juventude, o Partido do Povo Brasileiro, o Partido do Comunitário Nacional e outros mais. Há uma semana o Partido Democrata Cristão fez sua convenção. Resolveu imitar os partidos americanos, alugando os serviços de duas bandas de música que começaram a tocar furiosamente no espaço livre entre diversos edifícios comerciais. Uma chuva de sacos plásticos cheios de água empanou o brilho das comemorações. O PFL, por isso, preferiu escolher seus candidatos no Centro de Convenções, lugar célebre desde que Paulo Maluf ali derrotou Márcia Andreazza, em agosto de 1984. Resultado: está fechado para reformas o Centro de Convenções.

Dos 30 partidos registrados na Justiça Eleitoral, 12 vão disputar o pleito em Brasília. Cada um pode apresentar um número de candidatos igual a uma vez e meia o número de vagas. Doze vezes 12 são 144, para a Câmara Federal, somando-se os candidatos a senador, sem padrão determinado porque uns partidos utilizam a sublegenda, outros não. Ao todo, 17 cidadãos disputam as três vagas de senador, duas de oito anos, uma de quatro.

Há fatores estranhos, nessa primeira eleição brasileira, o maior dos quais está no descaso dos candidatos pela influência do presidente José Sarney. Nos demais Estados, atropelam-se os que pretendem, antes dos outros, apresentar-se como amigos do Sarney, soldados do Sarney, seguidores fiéis das metas do Sarney. As fotografias do presidente ganham muros e vídeos, sabendo-se ser ele o maior cabo eleitoral do momento, dada sua popularidade. Aqui, não. Talvez por ter-se o brasileiro acostumado a ver o presidente com certa frequência, deslocando-se pela cidade, embarcando, chegando ou comparecendo a solenidades e reuniões, talvez porque esteja certa a máxima popular de que "santo de casa não faz milagre".

Outra característica especial está no número de arrivas que chegam imaginando tomar conta da cidade, sem nada ter com ela. Até dona Márcia Kubitschek desembarcou em Brasília, depois de ser moradora permanente nos Estados Unidos, pretendendo eleger-se deputada federal. Um conhecido trambiqueiro, dado a construir torres de apartamento inacabadas no Rio de Janeiro, ex-deputado por Minas, depois por Rondônia, de onde saiu sem poder mais voltar, aspira tornar-se agora senador por Brasília. Mulheres lançam-se por ser mulheres, jornalistas por ser jornalistas, funcionários públicos por ser funcionários públicos. Sem metas, sem propostas, sem plataformas. Para muitos, o Distrito Federal parece a casa da mãe Joana.

O resultado das urnas brasileiras constitui mistério maior do que qualquer outro, no plano eleitoral. Vencerão os candidatos que são professores, dirigentes da Ordem dos Advogados, líderes sindicais, empresários e representantes da comunidade? Ou vencerão os místicos, os farsantes, os aventureiros e os demagogos? Pela primeira vez o eleitorado mostrará suas tendências, mas, pelo perfil dos postulantes, o risco é grande. Poderemos assistir, em fevereiro próximo, à proposta de um senador por Brasília à Assembléia Nacional Constituinte de instalar uma bica d'água no mais novo acampamento da cidade. Quem sabe um deputado pleiteará a inclusão obrigatória de azeitonas em todos os pastéis feitos daqui por diante no território nacional. Brasília faz parte do Brasil. C.G.